

Carta a Drummond

*Querido amigo,
chamo-te, carinhosamente, querido,
por tanto mergulhar nos sentimentos,
que leio em teus versos brilhantes,
onde me reconheço, em nascer constante,
na minha mesma intimidade.*

*Pois bem.
Querido amigo,
tenho apenas o sentimento do mundo.
Duas mãos? Não sei.
Sinto-as, não raras vezes, decepadas.*

*Decantar-me nas escadas cintilantes
da doçura.
Bramir dos lábios mel,
solapar a guerra que existe em nós.
Colonialismo atroz.
Capitalismo feroz.
Fugir Fugir
da sensata loucura.*

*Debaixo dos escombros há luz? Não sei.
Há corpos.
Em cima dos escombros há luz? Não sei.
Há corpos.
Objetificaram o homem,
matam as humanidades,
que subsistem em nós,
por alguns quinhões.*

*Debaixo dos escombros há ideias de liberdade
e ideias não se matam com fuzis.*

*Decantar-me nas escadas cintilantes
da doçura.*

*Subir Subir
estes degraus.*

*Cada esquina destes tantos Brasis,
por aqui, guerra.
Em silenciosa hostil batalha,
marcas indelévels de correntes
ainda queimam dentro de corpos negros,
que se aglomeram nas favelas.
Os inocentes do Leblon? Ah, estes permanecem
na areia quente da praia.*

*Quero aquilombar-me aos sons de liberdade,
ao grito orquestrado da igualdade
de raças, de cores, gêneros e transgêneros.
Minha liberdade,
também destes corpos cegos, surdos,
tantos que não andam*

...

Não? Voam!

*Liberdade de expressões puras e genuínas,
empatia e escuta ativa do outro,
de mim, junto ao outro,
ombreado caminhos, companheiros de estrada.
Suplantar o tempo de absoluta depuração,
em que as mãos tecem apenas o rude trabalho
e o coração está seco.*

Decantar-me nas escadas cintilantes da doçura.

*Chorar as mortes das crianças inocentes
e não saudar os zumbis que insistem em vagar,
mortos, entre nós.*

Tu és sábio:

*Havemos de amanhecer. O mundo
se tingem com as tintas da antemã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.*

Caro amigo, tenho vontade de comida em toda mesa.

*e plurais vestidos festivos dançando nas ruas e praças.
Toda música, cultura, livros e peitos fartos e generosos.
Bailemos todos de mãos dadas.*

*Não mais fétidas distorções de riquezas não repartidas,
nem discriminações odiosas.*

*Equidades distantes de infinitos metros
enquistam meu olhar.
Não serei, também eu, poeta de um mundo caduco.
E não cantarei o mundo futuro.
Não, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Cantemos a humanidade que
insiste em sobreviver nos nossos corações pequenos.
Sim. Meu coração, como o teu, é muito pequeno.*

*Decantar-me nas escadas cintilantes da docura.
Subir Subir
- Ó vida futura! nós te ericaremos.
Bailemos todos de mãos dadas.*

Autora: Marcela Hallack

Marcela Hallack é escritora, Oficial de Justiça Federal, atua na Justiça do Trabalho de Juiz de Fora/ MG; especialista em Direito Público e em Mediação e Conciliação; especialista em Direito e Turismo, pela University of the Balearic Islands, Espanha. É pessoa com deficiência e com ideais de justiça social e múltipla igualdade.

